

**LIVRO: FAUCONNIER, GILLES “ MAPPINGS IN THOUGHT AND LANGUAGE, CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, USA, 1997, 199 PÁGINAS  
TEORIA E MÉTODO PARA ANÁLISE DA GRAMÁTICA DA CHAMA**

Resenha por Maria Lúcia L.de Almeida  
(UFRJ)

Em recentíssimo artigo, Salomão (1998) advoga que os estudos da linguagem podem-se filiar ou ao partido do cristal ou ao partido da chama, buscando assim especificar que a natureza do objeto sobre o qual debruçamo-nos todos—estudiosos de línguas de um modo geral—pode ser percebida diferentemente. Se se pertence ao partido do cristal, a natureza da língua é estrutura rígida ; se se pertence ao partido da chama, a natureza é fenômeno que, sob aparente imutabilidade, encontra-se em constante movimento.

O mais recente livro de Gilles Fauconnier- “Mappings in thought and language” -oferece a seu leitor teoria geral de base cognitiva, que permite elegante e fina análise de fenômenos clássicos às abordagens semânticas: pressuposições, opacidade referencial, escopo de indefinidos, contrafactualidade, condicionais, entendendo que a língua pertence ao partido da chama.

À mesma forma ( aparente imutabilidade ) podem-se agregar possibilidades várias de significação , em função de alterações do sujeito e/ou do contexto (movimentação constante, por princípio).

Expliquemos melhor e do início: o ponto de partida do trabalho é a idéia básica, sobre a qual repousam todas as análises ,de que mapeamento entre domínios é o coração da única faculdade cognitiva humana de produzir, transferir e processar significado”.

Seus exemplos e análises demonstram que palavras e construções sintáticas não portam o significado, mas sim o ativam, ou seja: “ a linguagem visível é somente a ponta do *iceberg* da construção invisível do significado que se processa quando falamos ou pensamos”(1997:2).

A parte invisível do *iceberg* consistiria de bases de conhecimentos ou estáveis ou precárias, e dos numerosos, complexos e diferentes processos de mapeamento que transferem *informações incompletas* entre tais diversas estruturas. Cabe esclarecer que as informações não são todas transferidas porque isso implicaria um processo ilimitado de semiose.

Assim, são apenas transferidas aquelas relevantes localmente, para o evento comunicativo em foco.

Por exemplo: o verbo *perder* necessita acessar esquemas conceptuais diversos, com transferência de diferentes informações para que sejam processadas adequadamente as frases:

- 1) Perdi o ônibus.
- 2) Perdi meu pai há dez anos.
- 3) Perdi tempo.
- 4) Perdi a cabeça.

É auto-evidente que, apesar de *perder* ativar conceitos tão diferentes como transporte, morte, relação temporal e descontrole emocional, há também a manutenção da noção básica de *não se possuir algo*, quer seja temporária (o ônibus e a cabeça) ou definitivamente (o pai e o tempo), quer seja em linguagem mais literal (1) ou mais figurada (4). Seria, pois, não só anti-econômico como também anti-produtivo a transferência de todas as informações relacionadas ao verbo.

As bases de conhecimento mais estáveis constituem-se de a) modelos cognitivos idealizados (MCIs, em termos de Lakoff, 1987), b) esquemas (*frames*) gerais e específicos sobre o mundo (de que seria exemplo significativo a conhecida análise de *cena comercial*, feita por Fillmore, que conteria comprador, vendedor, mercadorria etc...) e c) molduras comunicativas (papéis dos interlocutores, atos de fala entre outros), e as bases mais precárias, de espaços mentais (EM).

Espaços mentais são produzidos durante a interação, tendo, portanto, caráter processual, e oferecem base ao raciocínio e à interface com o mundo.

Dado o entendimento de que as situações em que as produções lingüísticas se realizam não são nunca iguais, os EM's, em consequência, serão sempre novos e diferentes a cada processo de significação.

Para esclarecer esse aspecto, reportemo-nos a um exemplo do livro e que esclarece, ainda de modo não técnico (sem as formalizações, com base na teoria matemática dos conjuntos e descrições inspiradas na lógica simbólica), as diferentes possibilidades de construção do significado (e de estruturação de EM).

A questão que aqui aflora é a de como a mesma construção sintática pode requerer operações de mapeamento diferentes entre as diversas bases de conhecimento.

Suponha-se que uma babá zangada diga a uma criança rebelde: "Se eu fosse seu pai, eu te espancaria". Essa sentença, aparentemente simples, é tipicamente uma contrafactual, porque ela aponta, para além da realidade pressuposta (Eu não sou seu pai, eu não te espancaria), uma situação imaginária contrária ao fato (Eu sou seu pai, eu te bato).

Pode-se entender que a babá gostaria que o pai fosse tão autoritário quanto ela. Nesse caso, o EM deve conter uma projeção da babá sobre a figura do pai, que deixa, então de ser fraco, para passar a ser autoritário.

A segunda possibilidade seria oposta: o pai é severo e a babá, tolerante. O mapeamento entre os elementos referenciais pai e babá será inverso ao do primeiro caso.

A terceira possibilidade de significação não leva em consideração a individualização de pai e babá (tecnicamente, preenchimento de valor), mas sim enfoca somente as funções ("role"): babás não batem em crianças, somente pais.

É relevante explicitar que são as bases de conhecimentos mais estáveis que estruturam internamente os EM's. No exemplo dado, há de haver MCI's relativos à "educação de crianças" e "comportamento de pais e babás", assim como se necessita elicitar o enquadre (a estrutura léxico-sintático que define a relação entre os elementos) e a moldura comunicativa que, no caso em foco, muda, determinando os três diferentes mapeamentos.

O que caracteriza, então, a abordagem de Fauconnier é a consideração da existência de circunstâncias em que os enunciados são produzidos e das intuições dos falantes sobre possíveis compreensões das expressões, dadas as várias experiências da vida em sociedade, que ou restringe ou alarga a interpretação.

Ressalve-se que a teoria não é teoria sobre interpretação de texto, mas sim sobre como se constrói a significação, com explicitação dos elementos.

De fundamental importância para a construção do significado são os diversos tipos de mapeamento que permitirão a conexão entre um elemento e sua contraparte, nos diversos espaços mentais, que vão se desdobrando no decorrer do discurso.

O autor chama a atenção para o fato que, até agora, os mapeamentos entre domínios terem sido confinados a fenômenos considerados periféricos tais como metáfora literária e metonímia, mas que já há conjunto importante de análises que mostram ser esse processo (mapeamentos) o coração da própria linguagem.

Grosso modo, há três tipos de mapeamento.

O primeiro é denominado de *mapeamento de projeções*, em que haverá projeção de parte da estrutura de um domínio sobre outro. A idéia geral é que para se falar de alguns domínios (domínios alvos) usa-se a estrutura de outro domínio (domínio fonte), incluindo-se o vocabulário correspondente.

Exemplo emblemático e atualíssimo, o modo como referimo-nos a programas prejudiciais ao bom funcionamento dos computadores: vírus.

Verifique-se que o computador (domínio alvo) é conceptualizado em termos de organismo humano (domínio fonte), que pode ter viroses, que se curam com vacinas etc..

Alguns desses mapeamentos são usados por todos os membros da cultura. Por exemplo, em Português, o tempo é conceptualizado como espaço: a semana está passando; estamos nos aproximando do Natal etc... Nesse caso, o mapeamento torna-se *entrincheirado* cultural e lexicalmente, definindo, então, estrutura de categoria não só para a linguagem, mas também para a cultura.

Outra importante classe de conexões entre domínios é a de *mapeamentos de função pragmática*: dois domínios relevantes correspondem tipicamente a duas categorias de objetos que são mapeadas uma sobre a outra, por causa da função pragmática.

Nessa situação, encontram-se as relações entre livros e autores, jogadores e número de camisa, mesas e consumidores em restaurantes, entre outras possibilidades, autorizando frases como:

Pega o meu Saussure.

O camisa dez marcou o gol.

A mesa um pede salada.

Finalmente, a terceira classe de mapeamentos é a de *mapeamentos de esquemas* que opera quando um esquema geral, enquadre ou modelo é usado para estruturar uma situação no contexto. Pode-se observar a elaboração de tais esquemas pelos sucessivos passos que levam ao conjunto de correspondências entre esquemas abstratos, suscitados pela construção gramatical.

É esse tipo de conexão que permite que se construa significado, em Português, para a frase:

No Brasil, o Zipgate não teria trazido nenhum prejuízo ao Clinton.

As funções "escândalo" e "presidente" são projetadas no espaço mental "Brasil", caracterizando uma interpretação possível (de forma similar à terceira interpretação da historinha da babá).

O neologismo "Zipgate" consegue ativar significado devido a complexo processo cognitivo denominado "mescla" (blend) e ao qual é dedicado um capítulo inteiro.

A teoria apresentada no livro não somente é sofisticada ferramenta para análise de fenômenos semânticos, mas também oferece recursos para análise e descrição de fatos tipicamente gramaticais, como sentenças condicionais e tempos verbais. É exatamente por isso que é teoria revolucionária: apresenta visão integrada dos componentes da gramática.

A leitura do livro pressupõe algum conhecimento específico, assim como o domínio de suas formalizações, de teoria dos conjuntos.

Desafios à parte, sem dúvida é livro indispensável para aqueles que se interessam pelo funcionamento da linguagem.